

Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831)

Isabel Lustosa

AMIGO E PROTETOR DE FERNAND DENIS

Entre os jornalistas que participaram ativamente do debate que, na imprensa brasileira, antecedeu à Abdicação de d. Pedro I, merece destaque o francês Henri Plasson. Seu jornal, *O Moderador*, foi talvez o que mais defendeu o imperador e seu governo dos ataques que a imprensa radical lhe fazia. Nesse mister, Plasson desenvolveu argumentos pautados no pensamento liberal então predominante, que creditava a d. Pedro a legitimidade constitucional que lhe era negada pelos opositores. Ao analisar as duas frentes em que se dividiu a imprensa entre 1827 e 1831, constata-se a diferença que fazia o fato de um francês, esgrimindo informações baseadas na experiência de seu país, dar sustentação ao governo, garantindo que o imperador era, sim, um liberal.

Pouco se conhece sobre o francês Henri Plasson, que viveu no Brasil entre 1816 e 1831. Plasson partiu da Europa, em 24 de agosto de 1816, trazendo em sua companhia um jovem de 18 anos, Ferdinand Denis, filho de uma família amiga. Em 1816, foram restabelecidas oficialmente as relações diplomáticas entre Portugal e França. Plasson e Denis chegaram ao Rio de Janeiro em outubro daquele mesmo ano e ficaram até 12 de março de 1817, quando embarcaram para Salvador. É possível que essa demora no Rio de Janeiro tenha como razão o fato de Plasson buscar ainda ser confirmado no cargo de cônsul de seu país na Bahia. De qualquer maneira, a confirmação do lugar dependia de várias outras questões e não era fácil de ser obtida. Pela correspondência de Denis com pessoas de sua família, pode-se acompanhar a angústia com que ambos esperaram por essa notícia, que nunca veio. Apesar de Plasson ter, de fato, exercido atividade consular remunerada, a nomeação nunca chegou a ser realmente oficializada. Os demais empreendimentos tentados pelo francês na Bahia, sempre

com a ajuda do jovem Denis, também fracassaram, e este voltou para a Europa no fim de 1819.

Plasson continuou na Bahia, e seu nome aparece em alguns documentos de 1821 como devedor em uma questão envolvendo a compra de escravos para um projeto que deveria ter desenvolvido no vale do Jequitinhonha. Possivelmente, o mesmo projeto que levava Ferdinand Denis a viajar, em 1819, para aquela região sem que, no entanto, tivesse êxito. Na verdade, ainda em 1836, cinco anos depois da morte de Plasson, aparecia no *Correio Oficial* documento solicitando esclarecimento sobre o destino dado aos 30 escravos que este teria recebido para o estabelecimento colonial que se propôs a criar no rio Jequitinhonha. No prefácio ao livro de poesias *Élégies bresiliennes, suivies de poesies diverses et d'une notice sur la traite des noirs*, editado em Paris por Planchet, que ainda não tinha vindo para o Brasil, e impresso por Gueffier, em julho de 1823, o autor, Corbière, ex-oficial da marinha francesa, declara serem as poesias ali incluídas traduções de cânticos selvagens recolhidas por Plasson, antigo cônsul da França na Bahia. Informa que, em 1818, Plasson, “movido do desejo de fundar uma colônia no interior do Brasil, subiu um rio da capitania de Ilhéus e ali viveu durante dois anos entre os indígenas.”

CORONEL PLASSON

A sangrenta guerra da independência na Bahia possibilitaria a Plasson a inserção em outra atividade remunerada. Ele se viu elevado à posição de coronel de milícias, tendo mesmo liderado algumas ações importantes e obtido o reconhecimento das vilas baianas onde atuou. No *Correio do Rio de Janeiro*, n. 141, de 1º de outubro de 1822, se diz que o coronel Henrique Plasson teria feito uma proclamação em defesa da Independência do Brasil que, segundo o general Madeira, só por ela mereceria a força. Em 20 de outubro de 1822, a povoação de Nazareth valia-se de seus serviços para encaminhar documento em que requeria o título de vila a d. Pedro. Plasson era identificado como “o benemérito ex-cônsul francês”, e a mensagem dizia a seu respeito: “Fiamo-nos no reconhecido patriotismo e luzes de Henrique Plasson e do crédito que há de merecer de V.A.R. um estrangeiro tão distinto pela província inteira, pela sua corajosa conduta no tempo do despotismo do Madeira e companheiros, e na guerra efetiva que contra eles se decla-

rou”. A proposta de elevação de Nazareth a vila já tinha sido apresentada no parlamento em 14 de outubro pelo deputado baiano Calmon du Pin e Almeida, mas não obteve sucesso, e Nazaré só se tornou vila em 1831.

Henri Plasson deve ter chegado ao Rio no fim de 1822 ou no começo de 1823. A partir de então, teria aqui se radicado, pois, em 2 de julho de 1823, vamos encontrar seu rastro no *Diário de uma viagem ao Brasil* (1821-1823), de Maria Graham. A viajante inglesa fala da boa impressão que teve de Plasson quando este a acompanhou em visita ao Museu Nacional, em 14 de agosto de 1823: “francês muito inteligente, a quem devo boa cópia de informações sobre esta terra”. Apesar de ter sido incluído por Teodoro Maria Taunay, chanceler do Consulado Geral de França, como “ex-coronel de milícias” na lista dos militares franceses então residentes no Brasil, ele só seria demitido do serviço do exército por decreto da Regência Provisória, em 11 de maio de 1831. É provável que Plasson tenha se estabelecido no Rio de Janeiro como comerciante ou mesmo como tipógrafo, pois, segundo Hélio Vianna, *O Moderador*, jornal onde fez a defesa de d. Pedro contra seus adversários, era inicialmente impresso em tipografia própria situada no mesmo endereço em que residia: rua do Espírito Santo, n. 29 (hoje D. Pedro I).

IMPrensa FRANCESA NO RIO

Le Courrier du Brésil, jornal do qual Plasson foi editor, era o terceiro de uma série de jornais publicados em língua francesa no Rio de Janeiro. O primeiro fora *L'Indépendant*, do qual circularam dez números, entre abril e junho de 1827. No mesmo mês de junho de 1827, foi lançado seu sucessor, *L'Écho de l'Amérique du Sud*, que durou até março de 1828. Ambos eram impressos na tipografia do também francês, editor do *Jornal do Commercio*, Pierre Plancher-Seignot. Esses jornais foram publicados em francês por franceses e, mesmo tendo inicialmente como público-alvo os franceses estabelecidos no Brasil, acabaram se envolvendo nas questões locais.

L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire circulava somente aos sábados com quatro páginas, tinha como redator M. Jourdan e dedicara grande espaço à crítica teatral, envolvendo-se mesmo em algumas das primei-

ras contendidas havidas entre os fãas das duas mais célebres cantoras da cena teatral carioca. O editor, Émile Sevene, dizia no editorial que todas as grandes cidades da Europa e da América publicavam jornais em língua francesa: “*personne n’ignore qu’en Angleterre, en Allemagne, en Italie, en Hollande etc. il se publie des journaux en langue française. Sur notre Continent Américain, à New-York, à Buéno-Ayres il existe des journaux français*”.¹ Acrescentava ainda que, sendo o Rio de Janeiro um dos portos mais importantes nas rotas comerciais do mundo, tendo a cidade se tornado cosmopolita, atraindo homens das mais diversas regiões do globo e que tinham o francês como sua língua franca, não poderia ficar atrás das demais metrópoles.

Em 30 de junho de 1827, Émile Sevene lança *L’Écho de l’Amérique du Sud*, *journal politique, commercial et littéraire*, do qual seria “editor e editor-proprietário”, sem que, como no *L’Indépendant*, o dono da gráfica, Plancher, tivesse qualquer ingerência no conteúdo do jornal. Daria agora um caráter mais político ao conteúdo da folha, mas manteria ainda a seção de crítica teatral. Sevene dizia pretender apoiar os princípios políticos do governo representativo – a Assembleia Legislativa inaugurara seus trabalhos em 1826 –, contribuir para alimentar entre os brasileiros o interesse pelos assuntos da Europa e enviar para a França notícias do Brasil. Seus objetivos iam mais longe, e ele pretendia também informar aos interessados a situação política na Colômbia, Peru, Chile, bem como naqueles “dois países tão perto por seus limites territoriais e tão distantes uns dos outros pelo estado político de seu interior: Buenos Aires e Paraguai”.²

Mas os generosos propósitos do novo jornal de Sevene não foram muito longe e, em março de 1828, *L’Écho* encerraria suas atividades. Marcara sua passagem pelo cenário impresso do Rio de Janeiro por uma militância liberal, reconhecida até mesmo pela *Aurora Fluminense*, que o incluiria, junto dela mesma e da *Astréa*, como as três “folhas sempre mescladas de liberalismo” que circulavam no Rio de Janeiro.³ Publicara textos de Debret, Taunay e Grandjean de Montigny

¹ L’INDÉPENDANT. Rio de Janeiro, p.1, 21 abr. 1827. Tradução: “ninguém ignora que na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Holanda etc. são publicados jornais em língua francesa. Em nosso Continente Americano, em Nova Iorque, em Buenos Aires existem jornais franceses.”

² L’ÉCHO DE L’AMÉRIQUE DU SUD. Rio de Janeiro, 30 jun. 1827.

³ AURORA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, n. 12, 28 jan. 1828.

na famosa disputa que os artistas franceses travaram com o pintor português Henrique José da Silva em torno da Academia Imperial de Belas Artes.

O clima amigável que marcara as relações do jornal *L'Écho* com a imprensa liberal do Rio de Janeiro seria abalado no último mês de sua existência por conta de um correspondente que assinara M. K*** e que se envolveria em animada polêmica. Tudo porque M. K*** publicara artigo em que descrevia o que seriam os hábitos das famílias brasileiras abastadas antes da intensa entrada de estrangeiros, especialmente franceses no Brasil. O resultado era a descrição de cenas que parecem com as representadas nas gravuras de Debret. A reação dos jornais foi bastante agressiva e o debate se estendeu até o fim de fevereiro, com artigos publicados na *Aurora*, na *Astrée* e no *Espelho*, criticando o correspondente do *L'Écho* e os franceses em geral. Por trás da assinatura de M. K***, talvez se escondesse Henri Plasson. Na crítica que lhe faz a *Aurora*, esta diz que M. K*** “aproveitou mal o tempo que viajou os sertões do Brasil para defender a nossa independência”.

O fato é que já o próprio *L'Écho* era suspeito de ter se tornado um “jornal ministerial”, não tanto pelas cartas do “Sr. K*** tonel do Sr. Echo”,⁴ quanto pelo fato de ter gradativamente se aproximado do governo. Daí talvez a saída de Sevene e sua insistência em demonstrar – antes mesmo do *L'Écho* se transformar no *Le Courier* – que ele não era mais seu editor. Em 22 de março de 1828, o *Jornal do Commercio* publicou nota em que Émile Sevene informava ao distinto público que o editor responsável e principal redator do *L'Écho d'Amérique du Sud* transferira todos os seus direitos de propriedade e publicação ao sr. René Ogier e que, dali em diante, “ficava inteiramente estranho a tudo que pertence à dita folha”.⁵ Poucos dias depois, a 31 de março, tornava a publicar nota repetindo a informação de que, desde o dia 24 do corrente, deixara de ser o responsável pela publicação.⁶

Henri Plasson seria o principal redator do *Le Courier du Brésil: feuille politique, commerciale et littéraire*, lançado no começo de 1828 e que circularia até março de 1830. Com a epígrafe “*paix et liberté*”, *Le Courier* era impresso na rua

⁴ ASTRÉE. Rio de Janeiro, n. 252, 23 fev. 1928.

⁵ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, v. 2, n. 142, 22 mar. 1828.

⁶ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, n. 148, 31 mar. 1828.

da Quitanda, 63, tendo como editor responsável R. Ogier, o mesmo acima citado por Sevene. Saía duas vezes por semana, às quartas e aos sábados, e tinha quatro páginas. As seções eram divididas em “Intérieur”, com as notícias do Brasil, especialmente da Corte do Rio de Janeiro, e “Extérieur”, reproduzindo artigos de jornais europeus, sobretudo franceses. Alternava as partes finais com seções que publicavam anúncios comerciais (muito poucos) e o movimento do porto, a entrada e saída de navios. De vez em quando incluía alguma correspondência. Era vendido, como então eram vendidos todos os jornais, por meio de assinaturas que poderiam ser por dois ou cinco meses ou anuais. Publicava anúncios de livraria e comerciantes bem franceses, assim como notas de outros compatriotas oferecendo seus serviços.

A saída de Émile Sevene – autor de uma gramática da língua francesa com muitas reedições e que eventualmente dava aulas particulares de francês – fez cair o padrão de escrita do único jornal francês publicado no Rio que viera suceder a *L'Écho*. Pelo menos é o que sugere a carta publicada em 10 de junho no número 204 do *Jornal do Commercio* por alguém que assinara o “Inimigo das mangações”. Diz ele que era assinante de *L'Écho* e mantivera a assinatura quando este se transformou em *Le Courier* porque gostava de ler em francês para aprimorar seu conhecimento daquele idioma. Mas o *Le Courier*, acrescenta: “parece escrito em uma linguagem nova, talvez invenção do editor e redator responsável daquela folha”. Reclama ainda da irregularidade com que o jornal aparece, pois o compromisso era de “darem um numero às quartas-feiras e outro no sábado”, o que nem sempre acontece. Talvez essa e outras cartas assinadas por um certo “Anti-solecismus” saíssem mesmo da pena de Sevene, despeitado com a perda da direção do jornal para o compatriota.

Mas em 10 de setembro de 1828 era a vez de Henri Plasson apresentar suas despedidas por meio de carta também publicada no *Jornal do Commercio*,⁷ onde afirma que: “O redator principal do jornal francês *Le Courier du Brésil* participa aos assinantes que tem deixado inteiramente a redação da dita folha desde o número 44, entregando toda a direção ao proprietário do jornal M.R. Ogier”. Parece que o afastamento foi sério, porque em dezembro Plasson usaria as páginas do mesmo *Jornal do Commercio* para refutar críticas do célebre Luís Augusto

⁷ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, v. 4, n. 278, 10 set. 1828.

May, deputado e redator da *Malagueta* (publicação surgida em 1821), sobre matéria econômica que publicara no *Le Courier*. Plasson diz que o artigo criticado era do tempo em que ele “dirigia a mesma folha” e que usava o espaço do *Jornal do Commercio* para refutar as críticas porque “a estranha redação atual do *Courrier du Brésil* não me permite usar deste canal”.⁸

Quanto tempo terá durado esse afastamento é difícil de avaliar hoje, mas, certamente, durante a maior parte do ano de 1829, passando pela mudança do jornal para a versão em português, até a Abdicação, Plasson foi identificado pelos jornais oposicionistas como redator do *Le Courier*. As razões para anunciar o afastamento talvez tenham a ver com a matéria que o *Le Courier* publicaria em 23 de julho 1828, no número 31, fazendo rasgados elogios ao compatriota Pierre Chapuis. O liberal, republicano e maçom Chapuis, que fora capitão de cavalaria de Napoleão, chegara ao Rio de Janeiro no fim de 1825, logo passando a editar uma folha intitulada *O Verdadeiro Liberal*. Em 1826, Chapuis publicara “*Réflexions sur le traité d’indépendance et le décret promulgué par sa Majesté Fidélissime*”, fazendo duras críticas aos termos que embasaram o tratado da Independência assinado no ano anterior com Portugal, por intervenção direta da Inglaterra. Preso e encarcerado na Fortaleza de Santa Cruz, Chapuis fora, em seguida, deportado para a Europa. Pois bem, o *Le Courier* anuncia com destaque e na primeira página a chegada de Chapuis ao Rio de Janeiro, de passagem para o Chile, onde ia, à frente de um grupo de professores, criar um estabelecimento de ensino público. Os comentários que se seguem à notícia são declaradamente contrários às medidas adotadas pelo governo brasileiro contra Chapuis.

Pendant son séjour dans cette partie de l’Amérique du Sud, m. Chapuis s’est attiré l’estime et la considération des hommes plus éclairés du Chili, qui l’ont fortement invité à se fixer dans leur patrie, lui assurant la protection du gouvernement pour toutes les entreprises utiles dont il serait le créateur. Ce publiciste distingué a trouvé dans la république du Chili une honorable compensation à l’acte arbitraire qui l’a éloigné du Brésil, et nous ne doutons pas

⁸ JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, n. 559, 17 dez. 1828.

*que le succès le plus complet ne couronne cette fois ses efforts, et ne lui assure une vie tranquille, après tant d'orages et de persécutions.*⁹

Essa crítica tão direta a uma decisão que tivera d. Pedro como autor não parecia indicar que o *Le Courier* fosse, como o chamavam os adversários, um jornal ministerial. É verdade que, ao mesmo tempo, o jornal dava total suporte à causa de d. Maria II, publicando fortes ataques a d. Miguel, o irmão mais novo de d. Pedro que havia traído os votos que fizera de reinar como regente até a maioria da sobrinha, fazendo-se aclamar rei absoluto. Em 2 de julho de 1828, o *Le Courier* publica artigo contra d. Miguel e d. Carlota Joaquina em que faz críticas muito fortes à mãe de d. Pedro I. Em 9 de julho, comenta a partida de d. Maria II para a Europa, onde ficaria sob a guarda do avô materno, o imperador da Áustria, Francisco I. Ali, faz curiosa associação entre o destino de d. Maria e o do filho de Napoleão Bonaparte com muitas referências negativas a Metternich.

Se houve algum estranhamento entre o *Le Courier* e o governo, logo foi superado, e o jornal francês foi sempre identificado pela imprensa que fazia oposição a d. Pedro I, especialmente pela *Aurora Fluminense* e pela *Astréa*, ao lado do *Jornal do Commercio* e do *Diário Fluminense*, como um jornal ministerial. O editor da *Astréa*, indignado pelo fato de o nome de seu editor, Vieira Souto, ter sido citado no *Le Courier* – dogma respeitado tanto pela imprensa de situação quanto de oposição no período em que a lei garantia o direito ao anonimato – o chamaria de “desprezível fâmulos do poder”.¹⁰

Os elogios feitos pelo *Le Courier* a Francisco Gomes da Silva, o famoso Chalaça, conselheiro e amigo íntimo do imperador, provocaram forte reação dessa mesma imprensa. O Chalaça era o símbolo da presença portuguesa na corte e, sendo próximo a d. Pedro, era quem mais se ocupava da questão portuguesa que tanto desagradava aos brasileiros. Em artigo cujo alvo é principalmente

⁹ LE COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, n. 31, 23 jul. 1828. Tradução: “Durante a sua estada nesta parte da América do Sul, sr. Chapuis ganhou a estima e consideração dos homens mais esclarecidos do Chile, que o convidaram insistentemente a estabelecer-se na pátria deles, assegurando-lhe a proteção do governo para todas as empresas relevantes de que fosse criador. Esse distinto publicitário encontrou na República do Chile uma compensação honrosa ao ato arbitrário que o afastou do Brasil, e não temos dúvida de que o sucesso mais completo irá coroar desta vez seus esforços, e há de assegurar-lhe uma vida tranquila, depois de tantas tempestades e perseguições.”

¹⁰ ASTRÉA. Rio de Janeiro, n. 438, 23 jun. 1829.

Gomes da Silva, a *Astréa* levanta a suspeita de que os editores do *Le Courier* agiam por interesse: “é bom não ganhar inimigos e adquirir protetores em todos os partidos em que sempre se divide o palácio”.¹¹

A *Astréa* também denuncia o entusiasmo com que o *Le Courier* se refere aos irmãos Andradas, que estavam voltando ao Brasil naquele ano, depois de um exílio de seis anos. De fato, no número 6, de 19 de abril de 1828, informa que Martim Francisco e Antônio Carlos estavam voltando ao Brasil para apresentarem sua defesa no processo criminal de que foram alvo em 1823. E completava: “*Ceux qui connaissent e savent apprécier les deux Andrades jugent cette détermination conforme à l’opiniâtre fermeté de leur caractère*”.¹² Em 5 de julho, o mesmo jornal, em seu número 26, anuncia a chegada dos irmãos Andradas acompanhados “*d’une suite nombreuse*”.¹³ “mais de 33 franceses, 12 damas francesas, um italiano e um espanhol”. A simpatia com que o jornal francês sempre tratou os irmãos paulistas seria motivo de muitas críticas na imprensa liberal que guardava ainda as mágoas da dura repressão que José Bonifácio movera contra ela durante o seu governo.

Uma de suas vítimas tinha sido o jornalista Luís Augusto May, editor da *Malagueta*, que fora espancado em 1823 por conta de críticas publicadas em seu jornal contra José Bonifácio, então poderoso ministro de d. Pedro I. May sobrevivera ao espancamento e reaparecera em 1826, eleito deputado à Assembleia Legislativa. Algum tempo depois passaria a publicar novamente, de maneira avulsa, a sua *Malagueta*. Suas divergências com *Le Courier* começaram com a reprodução de um debate parlamentar em que May questionara a ameaça velada (depois confirmada) da retaliação que o governo francês pretendia fazer contra o nosso no contexto da guerra do Império do Brasil contra as Províncias Unidas do Rio da Prata (1825-28). *Le Courier* tentaria pintar com as cores mais positivas a posição francesa naquele episódio, e as questões apresentadas no parlamento por May foram secundadas por outro deputado, Raimundo da Cunha Matos, em carta publicada no número de 30 de maio de 1828 do jornal francês.

¹¹ ASTRÉA. Rio de Janeiro, n. 297, 5 fev. 1830.

¹² Traduzindo: “Aqueles que conhecem e sabem apreciar os dois Andradas julgam esta determinação em conformidade com a firmeza obstinada de seu caráter.”

¹³ Traduzindo: “de numerosa companhia.”

Durante aquela guerra de que resultou a independência da República Oriental do Uruguai (27 de agosto de 1828), navios mercantes franceses foram apresados ou destruídos. Para forçar o governo brasileiro a reparar as perdas de seus súditos, Carlos X enviou uma esquadra de três navios, comandada pelo almirante Albin Roussin, que adentrou a baía de Guanabara em 6 de julho de 1828. Apesar do caráter atemorizador dessa medida, Roussin passou dias muito agradáveis no Rio de Janeiro, promoveu jantares a bordo reunindo os franceses elegantes do Rio e até mesmo recebeu a visita de d. Pedro I.

A partir da passagem de Roussin pelo Rio, houve um acirramento das críticas da *Malagueta* à imprensa francesa, na qual May incluía também o *Jornal do Commercio*, que era editado por Plancher. A ideia de que os franceses então influentes no Rio de Janeiro (como Plancher), os diplomatas credenciados junto à Corte e os artistas da chamada Missão Francesa estivessem influenciando sobre os destinos políticos do Brasil vai se tornar um tema recorrente nas páginas da *Malagueta*. É o nome de Plancher o que mais aparece, no entanto o de Plasson acabaria figurando também com igual intensidade.

Se em 12 de dezembro de 1828 May diz que soube que o redator do *Le Courrier* não era há alguns dias o mesmo, em 21 de abril do ano seguinte ele, que vinha atacando o jornal sem saber ao certo a quem o fazia, diz a respeito do redator: “não sei se é o digno Mr. Plasson”. Mas nesse mesmo número, nas páginas seguintes, passa a atribuir a redação a Plasson e assim o fará daí em diante. Em 1832, tanto May quanto Evaristo da Veiga estavam convencidos de que Plasson tinha sido sempre o principal redator do *Le Courrier*.

LE COURRIER

Le Courrier du Brésil se diferencia dos seus dois antecessores congêneres por ser quase que exclusivamente político, cobrindo, no que dizia respeito à Europa, notícias da França, Inglaterra, Espanha, eventualmente Alemanha e sobretudo Portugal. Lançado durante a guerra que o Brasil travava no Sul pela posse da antiga Colônia de Sacramento, a Cisplatina, trazia extenso noticiário sobre o que ali se passava. Acompanhou com atenção as questões relativas ao apresamento de navios franceses e a consequente vinda ao Rio de Janeiro da esquadra do almi-

rante Roussin, para pressionar o império a pagar o que seriam as dívidas relativas às perdas de navios e mercadorias franceses.

Le Courier reproduzia especialmente material publicado nos jornais franceses liberais como o *Le Constitutionnel*, *Le Figaro*, *Journal des Débats*, *Le Courier de France*, *La Gazette des Tribunaux* etc. O jornalista fazia questão de manter seus leitores atualizados a ponto de ter incluído, na última hora, uma série de notas sobre as indicações para o novo ministério de Carlos X, porque, às sete horas da manhã do sábado dia 26 de abril, quando o jornal ia ser impresso, recebera notícias da Europa, recentíssimas, datadas do dia 5 de março anterior. Plasson era um liberal, e as críticas que reproduz ou que faz à política francesa têm esse viés. Visam sempre atacar as correntes absolutistas que cercavam o rei Carlos X e fazer o elogio e a valorização dos temas caros aos liberais, como a liberdade de imprensa, o respeito à Carta Constitucional e à primazia do Parlamento sobre os outros poderes.

É bem provável que Plasson tivesse amigos entre os brasileiros que tinham sido exilados por d. Pedro depois da dissolução da Constituinte em 1823. Só uma fonte muito próxima poderia lhe fornecer as informações que ele dá sobre a representação do drama *Inês de Castro* em Paris por um grupo de estudantes brasileiros, dos quais cita M. da Rocha e M. Monteiro, filhos de dois desses exilados. A descrição da plateia formada por belas damas brasileiras e portuguesas e da elite dessas duas nacionalidades que lotaram a plateia e os rasgados elogios que faz a tudo sugerem conhecimento e simpatia. Ele também dá notícia do aparecimento da edição francesa das cartas trocadas entre d. João VI e seu filho, d. Pedro I, durante o processo da independência. O autor da publicação era outro francês que vivera no Brasil e que talvez aqui também tivesse se encontrado com Plasson, Eugène Monglave.¹⁴

O MODERADOR

A partir de abril de 1830, o jornal de Plasson passa a ser publicado em português com o nome de *O Moderador* e usa, a princípio como complemento do título, a referência ao antigo jornal: *Novo Correio do Brasil. A Aurora Fluminense*

¹⁴ LE COURRIER DU BRÉSIL. Rio de Janeiro, n. 7, 23 abr. 1828.

registra o lançamento do novo jornal como simples mudança de nome e de forma, pois *O Moderador*, durante os primeiros quatro meses, publicou edições bilíngues.

O *Courrier du Brésil* trocou o seu título pelo de *Moderador* que, na verdade, não é muito modesto. Assim como este quarto poder é a chave de toda a organização política e está incumbido de velar sobre a manutenção da ordem, parece que o *Moderador* toma a sublime tarefa de harmonizar e equilibrar os outros periódicos pondo termo aos seus debates e contestações.¹⁵

A *Aurora* parece insinuar que o novo jornal tinha pretensões a ter na imprensa brasileira o mesmo papel de d. Pedro I, nas mãos de quem se concentrava o Poder Moderador previsto na constituição de 1824. Possivelmente porque Plancher, Plasson e certa colônia francesa que se tornava muito próxima do Imperador passaram a ser vistos como contrários à imprensa liberal que junto com a *Astréa* representavam. Diz a *Aurora* que a legenda que figurava no *Le Courrier – Paix et liberté* – fora traduzida em *O Moderador* como “Justiça e força”, talvez porque “o *Courrier* ou *Moderador* deseja aos franceses paz e liberdade”, mas “julga os brasileiros apenas dignos de que se lhes administre justiça, empregando para este fim a força.”¹⁶

Durante o tempo em que duraram as edições bilíngues, o jornal era publicado em duas colunas, trazendo o texto em português à esquerda e a tradução francesa à direita. Esse formato durou até o número 24, de 1º de agosto de 1830, quando passou a ser publicado apenas em português. *O Moderador* era quinzenal e, até 2 de abril de 1831, quando deixou de circular, foram publicados 88 números. Em suas páginas, Plasson enfrentará ainda com muito mais intensidade a imprensa oposicionista: *Astréa e Aurora Fluminense*, também rebatendo ataques dos mais radicais: *Malagueta, Nova Luz Brasileira, O Repúblico, O Tribuno do Povo, O Verdadeiro Patriota*. Sua argumentação em defesa de d. Pedro e de seu constitucionalismo só foi encerrada pela Abdicação no dia 7 de abril de 1831.

¹⁵ AURORA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, n. 324, 14 abr. 1830.

¹⁶ Ibid.

Possivelmente para continuar a atender à clientela francesa que, com o fim do *Le Courier*, ficara órfã de uma publicação em sua própria língua, no número 32 de *O Moderador* (1º de setembro) incluiu-se o prospecto anunciando para breve o lançamento da *Revue Française*, com o respectivo sumário. Em setembro de 1830, foi publicado o primeiro número da *Revue Brésilienne* ou *Recueil de Morceaux Originaux sur les Affaires Intérieures de l'Empire, la Politique et sur la Statistique Locale, Imitations ou Pièces originales de Littérature, Sciences et Arts*. O projeto inicial, segundo aparece no primeiro número, era que a revista fosse publicada entre três e cinco vezes por mês. Ela teria 64 páginas, seria impressa em belo papel e com caracteres novos. Quem quisesse assinar devia pagar adiantado uma subscrição de 4.000 réis por quatro meses, a Gueffier e Cia. Impressores, que ficava na rua da Quitanda, número 79.

Pelo visto os editores acharam melhor chamar a revista de brasileira talvez para que fosse melhor aceita pelos brasileiros. Ao longo título se seguia a informação: “*Par les Redacteurs du Moderador*”, assim mesmo no plural. Mas a *Revue Brésilienne* não sobreviveu ao primeiro número. Boa parte das 77 páginas de que se compõe esse único número é dedicada às questões relativas à invasão de Argel pela França no fim do reinado de Carlos X. Apresentava um longo necrológio do recém-falecido rei da Inglaterra, George IV; um artigo sobre o Senado brasileiro, descrevendo de forma crítica seu funcionamento; “uma novela imitada do inglês” e intitulada *Une visite au purgatoire* e alguns documentos oficiais brasileiros. As últimas páginas são relativas à Revolução de Julho, na França, a que chama “os três dias memoráveis”, apresentada de forma favorável seguida de uma análise de suas possíveis consequências.

D. PEDRO I E SUA PENA DE ALUGUEL

Henri Plasson foi um dos que acompanharam o Imperador em sua retirada para a Europa. A bordo do *Volage*, ele e d. Pedro redigiram o documento com que pretendiam divulgar ao mundo sua versão dos fatos. A primeira carta que d. Pedro I dirigiu ao rei da Inglaterra também foi redigida por Plasson. Ainda de Cherbourg, o porto francês em que desembarcou na Europa, d. Pedro mandou carta a Abreu e Lima pedindo-lhe que socorresse Henri Plasson, que esta-

ria partindo para Inglaterra para ali publicar todos os meses uma revista na qual pretendia advogar, diz d. Pedro, “a causa justíssima da rainha, a senhora d. Maria II, minha filha e minha pupila”. D. Pedro afiança “a honra, probidade, talentos e ciência de Monsieur Plasson” e acrescenta ainda que:

[...] este senhor fez-me grandes serviços durante o meu governo no Brasil, não só escrevendo o periódico *Moderador* (que seguramente é o melhor de todos quantos periódicos se escreveram no Brasil) mas em tudo o mais que o empreguei, distinguindo-se sempre como era de esperar de um homem *come il faut*.¹⁷

Aparentemente Plasson não recebeu qualquer ajuda de Abreu e Lima. Também teve recusado o pedido de passaporte para retornar ao Brasil. Um documento oficial, assinado por Estácio Adolfo de Melo Matos e datado de 21 de setembro de 1831, é bastante elucidativo a esse respeito.

Constando-me que Henrique Plasson pretende regressar a essa corte, peço à vossa excelência que haja de declarar-me se deverei conceder-lhe o necessário passaporte no caso de ser-me requerido. Este indivíduo acompanhou o duque de Bragança [d. Pedro adotou o título de Duque de Bragança depois da abdicação] para a Europa, serviu-o aqui algum tempo com o maior zelo escrevendo muito a seu favor e contra o Brasil e hoje queixa-se amargamente do mesmo duque e quer voltar para o país que ainda há pouco abandonou debaixo de bem maus auspícios. Olhando a recente conduta do dito Plasson, ao seu caráter vago; a sua linguagem sempre que fala do Brasil e dos brasileiros às pessoas com quem ele se associa, ou a quem cobre de elogios e a várias outras circunstâncias se não posso julgar-me autorizado para considerá-lo um agente secreto do duque de Bragança, entendo todavia que merecem bem pouco crédito as extemporâneas protestações do seu equívoco brasileirismo e que da existência de semelhante

¹⁷ LIMA, Luiz Antonio de Abreu e. *Correspondência oficial de Luiz Antonio de Abreu e Lima actualmente Conde da Carreira com o Duque de Palmella*. Regência da Terceira e Governo do Porto de 1828 a 1833. Lisboa: Lallemand Frères, Typ., 1874. p. 447-448. Disponível em: <<https://archive.org/details/correspondencia00limagoog>>. Acesso em: 20 set. 2016.

homem entre nós, ao menos por agora, quando se não siga mal, também não resulta nenhuma espécie de proveito.¹⁸

Menos de um mês depois, em 19 de outubro, carta assinada pelo mesmo Eustáquio comunica em uma linha: “A 11 deste mês faleceu o ex-coronel Henrique Plasson”. O *Jornal do Commercio* deu a notícia em 05 de junho de 1832, dizendo que “o Coronel Plasson que foi redator do *Courrier du Brésil* e do *Moderador*” teria morrido em Paris de uma “fluxão no peito”. Assim não fica claro nem mesmo onde terminou seus dias esse francês que, em 1816, como outros tantos, cruzou o Atlântico pensando fazer fortuna no Brasil, que finalmente se abria para eles. Acompanhado de um jovem, Ferdinand Denis, que teria seu destino e o prestígio que viria adquirir na Europa definitivamente associado à experiência que vivera a partir dessa travessia, Plasson teve menos sorte.

CONCLUSÃO

A trajetória de Henri Plasson nos permite conhecer um pouco do que foi a entrada de franceses no Brasil depois de 1816, mas também as questões que se apresentaram para essa comunidade durante o Primeiro Reinado. Homens de letras que eram também comerciantes, como foi o caso dele e de seu protegido, Ferdinand Denis, constituíram suas identidades no contexto de um Brasil que também se transformava. Denis voltou para a França e pelo resto da vida esteve de alguma forma conectado com o Brasil, conservando seu olhar de estrangeiro sobre o país e a sociedade em que vivera por três anos; Plasson mergulhou fundo naquela realidade e foi ator no processo histórico que estávamos vivendo.

Militar que lutou ao lado das forças brasileiras pela independência na Bahia, depois de estabelecido no Rio de Janeiro, Plasson ligar-se-ia ao impressor Pierre Plancher, seu compatriota que chegaria ao Brasil em 1824. Talvez já se conhecessem, pois, como mencionado acima, um livro de poesias publicado por Plancher

¹⁸ MATOS, Estáquio Adolfo de Melo. [Manuscrito]. Londres, 21 set. 1831. Apud: BIAGGI, Marcus Vinicius Correia. *Sobre diplomacia e território (1831-1834)*: edição de documentos do Arquivo Histórico do Itamaraty. Dissertação de Mestrado (História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13102014-190838/pt-br.php>>. Acesso em: 20 set. 2016.

ainda em Paris, em 1823, fazia referência a Plasson. Plancher, apesar das dificuldades iniciais enfrentadas por esses imigrantes, muitos deles bonapartistas, tal como os artistas que em 1816 compuseram a chamada Missão Francesa, acabaria se aproximando do imperador brasileiro, talvez identificando nele características de seu antigo soberano.

A adesão a d. Pedro I desses franceses indesejados em sua pátria – onde a Restauração procurava recuperar símbolos e instituições do Antigo Regime – é mais um dos aspectos contraditórios do momento político em que se vivia. O imperador tão malquisto pelos liberais brasileiros que viam nele intenções e práticas autoritárias era, para os europeus, a esperança da libertação de Portugal do regime absolutista restaurado por d. Miguel. Era também, para a realidade brasileira que conheciam e viam, a melhor opção política possível. O debate que, por meio de seus jornais, travaram com a imprensa liberal, cuja figura maior era Evaristo da Veiga, é um rico repositório de temas e ideias a serem explorados e que, certamente, contribuiriam muito para uma maior compreensão do ambiente político do fim do Primeiro Reinado. Essa imprensa única e incomparável foi agente ativo do processo e iluminou as contradições intrínsecas dos que a combateram.

A ligação dos jornais publicados em francês com o *Jornal do Commercio*, editado por um francês, Pierre Plancher, sugere a força que esse grupo acabou conquistando na Corte a partir do suporte dado ao Imperador. Combatendo os adversários de d. Pedro I, apoiando a causa de d. Maria II, em Portugal, e defendendo também os interesses de sua comunidade estabelecida no Brasil, a imprensa em língua francesa que teve no *Indépendent*, no *L'Écho* e no *Le Courrier* seus veículos foi agente importante do processo político em curso. Essa imprensa em língua estrangeira feita por estrangeiros que viveram, em suas pátrias e aqui, trajetórias tão singulares é extremamente reveladora dos circuitos culturais transatlânticos que de alguma forma irmanavam homens de países distantes, obrigando-os ao exercício do debate por meio da palavra impressa e de uma cultura política que era global e compartilhada nos lugares mais distantes do mundo, permitindo um combate com relativo equilíbrio de armas.

Essa imprensa publicada em sua língua estrangeira foi também fator de integração dos franceses cultos estabelecidos no Rio de Janeiro. Não é por acaso que os textos da polêmica em que se envolveram os artistas franceses Debret, Taunay

e Montigny, entre outros, foram publicados no *Le Courier du Brésil*. A maneira como *Le Courier* noticiou a entrada hostil da esquadra do almirante Roussin na barra do Rio de Janeiro, dando a ela um caráter quase de uma visita de amigo, certamente contribuiu para reduzir seu impacto negativo. Valorizando a importância cultural da adoção pelos brasileiros das modas e dos costumes franceses, anunciando os produtos e as lojas dos comerciantes da rua do Ouvidor e os artistas dos teatros do largo do Rocio, a imprensa francesa foi fonte importante de informação tanto para os compatriotas que aqui viviam, como para levar ao mundo as notícias sobre o que realmente se passava neste tão distante e desconhecido país tropical.